

JOSÉ VILELAS

Investigação

O Processo de Construção do Conhecimento

2ª edição

Revista e aumentada



EDIÇÕES SÍLABO

*Ao Gonçalo, à Sandra e aos meus pais,
pelo seu amor, compreensão e incentivos.*

*Aquele que duvida e não investiga torna-se
não só infeliz mas também injusto.*

Pascal

Investigação

O Processo de Construção do Conhecimento

JOSÉ VILELAS

2ª Edição

Revista e Aumentada



EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede

www.silabo.pt

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA:

Título: Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento

Autor: José Vilelas

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: © Bowie15 | Dreamstime

1ª Edição – Lisboa, outubro de 2009.

2ª Edição – Lisboa, setembro de 2017.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 431515/17

ISBN: 978-972-618-901-5

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

AGRADECIMENTOS	11
PREFÁCIO	13
APRESENTAÇÃO	15

PARTE 1

A REALIDADE E O CONHECIMENTO 19

Capítulo 1 – Do senso comum ao conhecimento científico 21

1. O conhecimento como problema 22
2. O conhecimento como processo 24
3. Diferentes tipos de conhecimento 26
4. O conhecimento científico e as suas características 32
5. Classificação das ciências 37

Capítulo 2 – O método científico 41

1. O processo de investigação 41
2. Um modelo do processo de investigação 43
3. O sujeito investigador 49
4. Sujeito e objeto 51
5. Abstração e concetualização 53
6. Metodologia científica 55

7. Métodos específicos das ciências sociais	59
7.1. Método histórico	59
7.2. Método comparativo	61
7.3. Método monográfico	62
7.4. Método estatístico	63
7.5. Método fenomenológico	64
7.6. Método experimental	66
7.7. Método observacional	67
7.8. Método sociopoético	68
Capítulo 3 – A problematização	77
1. Seleção do tema e formulação do problema	77
1.1. Delimitação temática	83
2. A investigação de acordo com o objetivo	86
3. O problema da causalidade	89
4. Tipos de determinação	90
5. Projeto de investigação	92
Capítulo 4 – O estado de arte do fenómeno em estudo	97
1. Tipos de revisão de literatura	97
1.1. Revisão narrativa de literatura	98
1.2. Revisão sistemática da literatura	99
1.3. Revisão integrativa	117
1.4. Revisão <i>scoping</i>	118
1.5. Meta-análise, metassíntese e metassumarização nas revisões de literatura	119
2. Como formular um marco teórico	122

**TRANSFORMAR A INFORMAÇÃO
EM CONHECIMENTO** 127

Capítulo 1 – Investigar em concreto 129

1. Conceito de hipótese 129
2. As variáveis 134
 - 2.1. Dimensões das variáveis 137
 - 2.2. Relações entre as variáveis 139
 - 2.3. Indicadores de uma variável dependente 140
3. População e amostra 143
4. Amostras não-probabilísticas 145
 - 4.1. Amostra por conveniência 145
 - 4.2. Amostra por quotas 145
 - 4.3. Amostra por redes 146
 - 4.4. Amostra intencional 146
 - 4.5. *Snowball* 147
5. Amostras probabilísticas 147
 - 5.1. Amostra aleatória simples 147
 - 5.2. Amostra aleatória sistemática 148
 - 5.3. Amostra estratificada 149
 - 5.4. Amostra por clusters 150
 - 5.5. Amostra multi-etapas 150
 - 5.6. Amostra multi-fases 151
6. Tamanho da amostra e erro amostral 151
7. Distribuição normal. Curva de Gauss 154

Capítulo 2 – Tipos de estudos	157
1. Conceito de estudo	159
2. Tipos de estudo	160
3. Tipos de estudo quanto ao modo de abordagem	161
3.1. Estudos quantitativos	161
3.2. Estudos qualitativos	163
3.3. Investigação quantitativa <i>versus</i> investigação qualitativa	170
4. Tipos de estudo quanto ao objetivo geral	177
4.1. Estudos exploratórios	177
4.2. Estudos descritivos	178
4.3. Estudos correlacionais	180
5. Tipos de estudo quanto aos procedimentos técnicos	181
5.1. Estudos bibliográficos	181
5.2. Estudos <i>ex post facto</i>	183
5.3. Inquéritos	186
5.4. Estudos transversais	189
5.5. Estudos históricos	191
5.6. Estudos de caso	193
5.7. Estudos de coorte/longitudinais	201
5.8. Estudos etnográficos	203
5.9. Estudos fenomenológicos	212
5.10. <i>Grounded theory</i>	225
5.11. Inquérito apreciativo	236
5.12. Investigação-ação	251
5.13. Grupos focais	260
5.14. Estudos experimentais	271
5.15. Estudos quase-experimentais	284

Capítulo 3 – Instrumentos de recolha de dados	287
1. Indicadores, técnicas e instrumentos	287
2. Dados primários e secundários	288
3. Recolha dos dados primários	290
4. A observação científica	291
4.1. Observação estruturada	294
4.2. Observação não-estruturada	295
4.3. Observação não-participante	296
4.4. Observação participante	297
5. Entrevista	303
5.1. Entrevistas não-estruturadas ou aberta	305
5.2. Entrevistas semiestruturadas	307
5.3. Entrevistas estruturadas	311
5.4. Planeamento da entrevista	311
6. Questionário	315
6.1. Construção e validação de um questionário	323
6.2. Planeamento da aplicação do questionário	327
7. Escalas de medida	330
7.1. Adaptação cultural, validação e construção de escalas psicométricas	337
7.2. Processo de construção de escalas	347
Capítulo 4 – Processamento de dados	353
1. Análise quantitativa	354
1.1. Estatística descritiva	355
1.2. Estatística indutiva	365
2. Análise qualitativa	385
2.1. Análise de conteúdo	388
3. Triangulação	401

Capítulo 5 – Análise e síntese dos resultados	405
1. Análise dos dados	405
1.1. Análise dos dados quantitativos	406
1.2. Análise dos dados qualitativos	407
2. Apresentação dos dados	408
3. A síntese	417
3.1. <i>Data mining</i>	417
3.2. <i>Big Data</i>	419

PARTE 3

ÉTICA EM INVESTIGAÇÃO	421
1. Investigação com seres humanos	428
1.1. Conflitos de interesses	428
1.2. Investigação com medicamentos de uso humano	429
1.3. Ocultação em investigação	430
1.4. Utilização de placebo	431
1.5. Princípios gerais da investigação/tratamento inovador	433

PARTE 4

DIVULGAR O CONHECIMENTO	435
Construir artigos científicos e divulgar a evidência científica	437
BIBLIOGRAFIA	449

Agradecimentos

No longo caminho até à publicação da segunda edição deste livro, muitas pessoas me ajudaram, de diversas maneiras. Isto não é um chavão: este trabalho jamais teria sido possível sem o apoio de cada uma delas, a quem sou grato de todo o coração.

Em primeiro lugar, agradeço ao Doutor **João Curado Silva** pela sua sábia revisão científica do capítulo da obra *Análise Quantitativa* corrigindo o manuscrito com o olho metuculoso de um exímio professor e, em segundo lugar, por tê-lo enriquecido com os seus conhecimentos.

Agradeço ainda ao editor da Sílabo Doutor **Manuel Robalo**, que acreditou logo de início neste projeto, além de ter sido um incentivador incansável, e à **equipa da editora** que o realizou com muito profissionalismo. Sem todos, nada tinha acontecido.

O autor

JOÃO CURADO SILVA, licenciado em Matemática Aplicada às Probabilidades e Estatística (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), Mestre em Estatística (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) é professor de Estatística na Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, no âmbito da sua atividade académica colaborou também com o ISCTE. Trabalhou 13 anos no Millennium BCP na área de *Customer e Business Intelligence*. Neste momento é consultor *freelancer* na área da Estatística, CRM, *Data Mining, Big Data e Data Science*.

Prefácio

Nos oito anos desde que a primeira edição deste livro foi publicada, tenho arquivado várias ideias com base nas minhas próprias experiências na área da investigação e nas de alguns leitores que amavelmente comentaram e sugeriram como poderia tornar esta obra mais completa. Isto, juntamente com o ritmo acelerado da investigação científica, motivou-me a atualizar este livro com a elaboração duma nova edição.

As mudanças mais óbvias estão nos novos capítulos:

- Tipos de revisão da literatura.
- Método Sociopoético.
- Ensaio Clínicos.
- Construção e validação de um questionário.
- Adaptação cultural, validação e construção de escalas psicométricas.
- Processo de Construção de Escalas.
- Investigação em Seres Humanos.
- Construir artigos científicos e divulgar a evidência científica.

O que proponho, a seguir, é um passeio pelas observações da mente, impressões dos sentidos e sensações da emoção que acumulei no mergulho que fiz durante a elaboração destas páginas a que deverei voltar para muitas imersões, como quem volta a um rio para desfrutar do prazer das suas águas frescas.

A primeira sensação é a da superação do discurso comum cheio de presunçosas certezas fáceis que dominou o nosso «pedagogês» e ainda predomina em muitos textos. Trata-se de procurar uma construção dinâmica do conhecimento, consciente que a ciência está em constante mutação.

A segunda sensação vem do facto de perceber que este livro está profundamente vinculado a uma prática académica do processo de construção coletiva do conhecimento. Cada capítulo está vinculado a alguma prática académica de produção. Procuo destacar o quotidiano, o vivido e vivenciado no chão das minhas práticas de investigação e de ensino, mas

tudo isto refletido e elaborado crítica e criteriosamente utilizando a melhor e mais atual evidência científica nacional e internacional.

A terceira é a sensação de abertura de horizontes, pela diversidade de contribuições na marca de uma evolução do unidimensional para o pluri-dimensional, numa superação do dogmatismo que, também na pedagogia, herdamos da cultura religiosa e política ocidental. Não se trata de um conhecimento feito, acabado, compilado, mas uma proposta ou desafio.

A minha quarta sensação prende-se com a procura incessante de capítulos metodologicamente inovadores que representem cientificamente um passo mais à frente em termos de conhecimento.

Chego, então, à minha quinta sensação. Este livro traz para o leitor a visão panorâmica das etapas da investigação, sem descuidar da apresentação das abordagens metodológicas e do uso e emprego de instrumentos de colheita de dados. Isto faz-se na comunicação da experiência na área da investigação nacional e internacional, adotando uma posição quase fenomenológica de quem abre a janela para novos conhecimentos.

As sensações que tive não ocorreram com a mesma intensidade e profundidade em todas as partes do livro. Nem foram todas as partes que produziram as mesmas impressões. Mas é o conjunto da obra que me deixa a alegria de verificar que salta aos olhos a importância da integridade de pensamento na elaboração desta obra. Talvez seja este o fio condutor que une as partes, levando a todas e de todas a energia, a força e a luz da ciência.

Apresentação

«Curiosidade, criatividade, disciplina e, especialmente, paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade».

Mirian Goldenberg

Aprender a investigar implica atravessar uma experiência pessoal e profissional complexa, difícil e inquietante. É uma atividade que obriga a disciplinar o pensamento e a ação. Requer um permanente exercício de introspeção e reflexão acerca de como encarar o conhecimento de um aspeto particular do mundo. Investigar supõe desenvolver um delicado equilíbrio entre a aplicação de normas mais ou menos pré-estabelecidas pelo método e uma certa dose de criatividade e originalidade. Neste processo entra a liberdade de pensamento do investigador, que por sua vez se confronta com o peso das metodologias de investigação e os rituais próprios da elaboração do conhecimento científico. Para a maioria dos iniciados na investigação, investigar é realizar algo «sério», que gera muitas expectativas e dúvidas.

Este livro pretende ser um apoio para quem enceta um trabalho de investigação, quer para iniciados, de escassa experiência e que necessitam de um texto orientador, quer para peritos, cuja investigação pode recorrer a este livro como fundamento das suas pesquisas ou esclarecimento de algumas dúvidas decorrentes do processo de investigação.

A formação científica (tanto dos investigadores, como dos estudantes) implica que se domine o conhecimento científico, assim como os processos inerentes ao desenvolvimento deste tipo de conhecimento. Ou seja, a melhoria da formação científica dos profissionais do nosso tempo requer não só o domínio dos conceitos teóricos da área da ciência em que se realiza a prática, mas também o conhecimento dos processos geradores de novos conhecimentos científicos.

A formação científica ajuda a que as pessoas aprendam a criticar os argumentos e as afirmações de outras pessoas, as quais se baseiam no empirismo inerente ao mundo que as rodeia. Desse modo, aprende-se a distinguir entre uma opinião que se baseia em preconceitos e/ou juízos de valor: e uma análise que sustenta a sua veracidade no método inerente à atividade científica.

Por último, a formação científica evita o dogmatismo com que muitas vezes é apresentada a informação científica. A distinção entre a teoria, como modelo de representação da realidade, e a observação de fenómenos «reais» como um processo percetivo subjacente a essa mesma teoria, é relevante porque permite que compreendamos porque é que ela condiciona ou não condiciona a nossa perceção da realidade, e por sua vez, que ela mais não é que uma aproximação explicativa do que a própria teoria postula como real.

O que distingue a investigação científica de outras formas de indagação acerca do nosso mundo é que esta tem subjacente um método específico. Há um modo de fazer as coisas, de colocarmos as questões e de formular as respostas, que é característico da ciência, que permite ao investigador desenvolver o seu trabalho de um modo sistemático. Mas este método, como se verá nas seguintes páginas, não é um caminho fixo ou irrefutável e ainda menos uma lista de ações que se cumprem como uma rotina. Porque o conhecimento científico não se adquire através de um processo idêntico a uma produção de bens numa cadeia de montagem, mas vai-se desenvolvendo, graças à liberdade de pensamento, à crítica, à análise, à correção dos erros e à discussão.

Não é possível criar novos conhecimentos acerca de um tema ou resolver os pequenos e os grandes enigmas do nosso mundo, sem intuição e imaginação, se não se explorarem, de mente aberta, os diversos caminhos que podem levar a uma resposta. Esta disposição criativa, que é verdadeiramente indispensável, de nada serve se não estudarmos o mundo através de um rigoroso processo de análise, de uma organização do material disponível, de ordenação e de crítica às ideias que surgem, pois, de outro modo, afastar-nos-íamos do conhecimento científico.

Convém ter em conta o que se disse para servirmo-nos o melhor possível dos livros de metodologia científica: eles não poderão resolver os problemas específicos de cada investigação, nem serão capazes de responder às imprevisíveis situações que surgem na prática; nem devem ser seguidos,

como se uma bíblia fosse, isenta de qualquer reflexão. Podem, sim, proporcionar um panorama das técnicas e dos procedimentos mais utilizados e um esquema de organizações das nossas atividades, para que estas não se desenvolvam caoticamente. O método, para quem investiga, não é mais do que um simples guia ao qual se apela quando surge a dúvida, uma fonte de consulta para entender a causa das possíveis dificuldades que ocorrem na atividade quotidiana. A experiência da investigação permite conhecer e compreender os métodos através dos quais a ciência obtém as provas que apoiam as afirmações do seu conhecimento, assim como o seu alcance e limitações no mundo real.

Esta obra trouxe-me mais surpresas do que se possa imaginar. Nunca pensei que os meus artigos e os conhecimentos que adquiri no meu percurso académico pudessem integrar-se num texto, que creio suscetível de se tornar numa ferramenta para investigadores.

Foi minha intenção escrever um texto que combinasse a precisão metodológica com a prática inerente ao trabalho de um investigador. Ofereço aos leitores algumas pistas que os ajudem a orientar-se dentro da problemática do método científico. Contudo, e antes de mais, há que realçar que a principal diferença entre as perspetivas quantitativas e qualitativas não se restringe, exatamente, ao uso da matemática, no primeiro caso, e ao não uso da mesma, no segundo. As diferenças têm a ver, principalmente, com a intencionalidade e com o tipo de realidade que um e outro método quer abordar. Acerca da intencionalidade, é preciso assinalar que os enfoques quantitativos estão mais direcionados para a explicação e para a predição da realidade em estudo, enquanto que os de ordem qualitativa apontam mais para uma compreensão da realidade como fruto de um processo histórico de construção visto a partir da lógica e do sentir dos seus protagonistas.

Afirmei mais acima que não basta a criatividade e o rigor científico, a investigação científica requer também uma sólida disciplina de trabalho. E esta observação, válida tanto para principiantes como para pessoas com maior experiência, remete-nos diretamente para o carácter prático de quase tudo o que aqui se trata: porque uma coisa é refletir na ciência, no método ou nos problemas epistemológicos e outra, muito distinta, é criar novos conhecimentos, mediante o trabalho. Contudo, a experiência demonstra, com clareza, que só investigando se aprende a investigar.

Este livro está escrito de modo a refletir a diversidade de abordagens metodológicas. Existem distintas metodologias de reconstruir o real. Todas elas válidas, desde que se respeitem os critérios próprios de cada perspectiva de investigação. Neste sentido, tentei não seguir o que costuma ser habitual nos livros de investigação, ou seja, apresentar apenas um caminho metodológico, mas várias vertentes, suscetíveis de proporcionar ao leitor uma opção no seu estudo científico.

Este documento, como já se disse, tem um carácter deliberadamente introdutório. Não se discutem os problemas mais complexos da metodologia, nem se exploram pormenorizadamente alguns temas que somente poderiam interessar a um leitor experimentado. É assim, porque está dirigido especialmente a quem se inicia no campo da investigação científica – a estudantes, professores e profissionais de todas as disciplinas. Por isso, prefere-se, sempre que possível, clareza e simplicidade na apresentação das matérias, embora com uma linguagem rigorosa, em vez de uma exposição profunda de todos os conteúdos. Neste sentido, este livro poderá ser útil no que respeita à aprendizagem de conceitos, estratégias e procedimentos. Quem quiser aprofundar algum tema abordado neste trabalho, tem, à sua disposição, a bibliografia que se oferece no final do trabalho.

A estrutura expositiva que é dada a esta obra tem como finalidade facilitar a compreensão dos seus conteúdos. Os capítulos iniciais constituem, na verdade, uma introdução breve e geral dos assuntos próprios da metodologia científica.

De seguida vão-se desenvolvendo os temas na mesma sequência em que poderiam apresentar-se nas etapas de uma investigação nas suas diferentes partes constitutivas, respeitando uma ordem que destaca a lógica própria do processo, mas que não é, como não me cansarei de referir, a sequência temporal e concreta que segue um investigador na vida real.

Não posso concluir esta apresentação sem demonstrar um reconhecimento de afeto e agradecimento a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho e me fizeram sentir a satisfação de ter criado algo que poderá ser útil.

O autor

1

A REALIDADE E O CONHECIMENTO

Capítulo 1

Do senso comum ao conhecimento científico

«As palavras que não são seguidas de factos, não servem para nada.»

Demóstenes

Para abordar adequadamente o estudo da metodologia científica é necessário situarmo-nos, previamente, no contexto em que esta adquire sentido. A palavra *Metodologia* vem do grego; *meta* que significa para além de; *odos*, caminho; *logos*, discurso ou estudo. Consiste em estudar e avaliar os vários caminhos disponíveis e as suas utilizações. Corresponde a um conjunto de procedimentos que contribuem para a obtenção do conhecimento. Metodologia define-se como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias. Já a investigação é entendida como uma atividade básica da ciência, procurando questionar e analisar a realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza perante a realidade do mundo. Embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas com interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. A metodologia científica é portanto um instrumento sem o qual a ciência, em si mesma, não poderia existir. Por esta razão, não é possível estudar a metodologia como disciplina se não houver uma compreensão mínima de certos problemas relativos ao conhecimento em geral, e à ciência em particular.

No contexto deste livro, que pretende iniciar o iniciado na receção e na produção do conhecimento científico, é necessário delimitar o que se entende por ciência. A palavra *ciência* surge do latim *scientia* (cujo antepositivo *ciem* (*c/t*) vem do latim *scio*, *scis*, *scivi* ou *scit*, *scitum*, *scire*, que significa saber, ter conhecimento, notar, compreender, etc.) e significa conhecimento ou sabedoria. Em geral, diz-se que uma pessoa tem um certo conhecimento (ou está ciente) quando detém alguma informação ou saber no que respeita a algum aspeto da realidade. Já o conhecimento chamado de científico surge basicamente no século XVII, com a constituição histórica da modernidade no Ocidente. A separação, tão comum hoje, entre filosofia e ciência não era clara antes do advento da modernidade. Aliás, é bom realçar que a relação da ciência com a filosofia e com a arte nunca deixou de existir. São todos, na verdade, campos que se interpenetram e que mantêm pelo menos um vínculo em comum: questionar a realidade de modo a que possam discutir as possibilidades da felicidade humana. No entanto, existem algumas características que, de uma maneira geral, delimitam o campo da ciência.

A influência da ciência na nossa vida é tão vasta e profunda que se torna muito difícil imaginar como seria hoje o mundo, caso o conhecimento científico tivesse estagnado há alguns séculos. Não existiriam computadores, telemóveis, pílulas contraceptivas, vacinas, antibióticos, automóveis, frigoríficos, lâmpadas ou televisões. Todas estas coisas, bem como muitas outras, cujo impacto na nossa vida é muito forte, devem a sua existência a teorias científicas. A ciência tem um inegável valor prático, mas as tecnologias que produziu ou pode vir a produzir num futuro próximo deram e darão origem a novos problemas. Algumas delas, como a informática ou muitas outras, têm um impacto ambiental preocupante.

1. O conhecimento como problema

Na nossa vida quotidiana, no trabalho, nos estudos ou na constante interação social, adquirimos e utilizamos uma enorme quantidade de conhecimentos. O conhecimento apresenta-se como algo quase natural, que vamos obtendo com maior ou menor esforço ao longo da nossa vida, como algo que naturalmente aceitamos sem discussão, especialmente quando o adquirimos na escola ou através de documentos escritos.

Mas em algumas ocasiões, ou relativamente a certos conhecimentos, percebemos que as coisas não são tão simples como se apresentam, que há afirmações discutíveis ou falsas. Isto é, numa conversa qualquer ou numa determinada polémica, há observações que têm diferentes valores, que são mais ou menos fiáveis que outras e que determinado valor depende do facto de como alguém está a vivenciá-lo. Isto pode ocorrer, por exemplo, quando descobrimos que uma pessoa relata factos que não tiveram oportunidade de ser comprovados ou quando compreendemos que se tiraram inadvertidamente conclusões erradas, talvez por se terem confundido termos de um problema ou por nos termos baseado em dados incompletos, aproximados ou diretamente equivocados.

Se refletirmos sobre estes casos, podemos fazer uma pergunta, o que muda por completo a nossa atitude face aos conhecimentos que temos: «Como sabemos o que sabemos?» Podemos inquirir também: «Onde nos baseámos para afirmar ou para aceitar uma determinada afirmação?» Mas quando os nossos sentidos parecem indicar-nos claramente uma resposta, podemos questionar: «Estamos sempre seguros daquilo que vemos, ouvimos ou sentimos?». Assim, as pessoas afirmam que fizeram isto ou aquilo, mas podem estar confusas ou a ocultar a verdade.

Ao chegar a este ponto podemos então vislumbrar que existe um problema acerca do que é o conhecer, o saber algo acerca dos objetos que nos rodeiam ou de nós mesmos. E este problema radica em que a verdade não se mostra diretamente e da mesma forma perante as pessoas, e portanto esta deve ser encontrada ativamente por meio de um trabalho de interrogação constante dos objetos que tentamos conhecer. Todo o conhecimento supõe um certo esforço, e este esforço pode ser realizado de uma maneira mais ou menos completa e efetiva.

Surge então uma primeira distinção que é preciso realçar e ter sempre em conta: não devemos confundir uma afirmação, relativamente a um facto ou a um objeto, com o processo mediante o qual se obteve tal conhecimento. Por outras palavras, aquilo que disse um professor ou um livro, por exemplo, acerca da economia de um certo país que cresceu 4 por cento num determinado ano, é uma afirmação que, certa ou falsa, todos podemos recordar e utilizar, é portanto, um conhecimento, que recebemos sem querer, de um modo passivo, e que incorporamos e relacionamos com outros já adquiridos anteriormente. Mas evidentemente que alguém, uma ou mais pessoas, é responsável por essa afirmação, alguém que, de algum modo, em algum momento, estudou a economia a que nos referi-

mos, cujo crescimento anual terá sido nessa numa determinada altura de 4 e não de 3 ou de 5 por cento.

Quando começamos a preocuparmo-nos acerca do modo com se adquiriu um conhecimento, ou quando tentamos adquirir um conhecimento novo, colocam-se-nos questões de variadas índoles, muitas das quais integram o campo de estudo da metodologia. Alguns destes problemas, os mais gerais, serão apenas esboçados nas páginas seguintes, pois são o tema da epistemologia e da teoria do conhecimento em geral, e não podemos desenvolvê-los em profundidade. Outros, mais específicos, são os que iremos abordar a partir da Parte 2 deste livro.

2. O conhecimento como processo

O homem parece ter estado sempre preocupado em perceber o mundo que o rodeia, em penetrar nas suas conexões e compreender o possível sentido das coisas que existem à sua volta. Não podemos aqui discutir porque é que ocorre isto, nem resumir as várias teorias que se elaboraram acerca do tema.

Dado que a espécie humana é, por definição, geradora de cultura, decidindo modificar e remodelar o ambiente que a rodeia para sobreviver e desenvolver-se, o conhecimento surge indissolavelmente ligado à prática vital e ao trabalho dos homens, sendo um instrumento na sua relação com o meio ambiente que procuram pôr ao seu serviço. Mas, segundo as mais antigas narrativas, o pensamento nessas épocas não se circunscrevia exclusivamente ao conhecimento instrumental, aplicado diretamente à melhoria das condições materiais. Com este, apareceu simultaneamente a inquietação inerente à compreensão do sentido geral do cosmo e da vida. A tomada de consciência do homem relativamente à sua morte originou uma peculiar angústia face ao próprio destino, perante o desconhecido, o que não foi possível entender nem aceitar. Daí as primeiras tentativas de elaboração das explicações globais de toda a natureza, primeiro recorrendo à magia e às explicações religiosas, e mais tarde aos sistemas filosóficos.

Se nos detivermos a estudar os mitos dos povos, os livros sagrados da Antiguidade ou as obras dos primeiros filósofos, veremos, em todos os casos, que eles aparecem conjuntamente, mas sem uma ordem rigorosa,



José Manuel da Silva Vilelas, Licenciado em Enfermagem e Organização e Gestão de Empresas, Especialista em Saúde Infantil e Pediatria, Mestre em Saúde Escolar e Doutor em Psicologia da Saúde. Professor Coordenador na Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa. Diretor da Área de Ensino de Enfermagem. Investigador na UI&DE.

Investigar é uma atividade que obriga a disciplinar o pensamento e a ação. Supõe desenvolver um delicado equilíbrio entre a aplicação de normas mais ou menos preestabelecidas pelo método e uma certa dose de criatividade e originalidade. Para a maioria dos iniciados na investigação, investigar é realizar algo «sério», que gera muitas expectativas e dúvidas. Este livro, agora em segunda edição revista e aumentada, servirá como uma âncora para quem inicia um trabalho de investigação, quer seja um iniciado – de escassa experiência e que necessite de um texto orientador –, quer seja um perito, que aqui poderá fundamentar as suas pesquisas ou esclarecer algumas dúvidas decorrentes do processo de investigação.

Apresentando as técnicas qualitativas e quantitativas de investigação existentes, esta obra permitirá ao leitor selecionar as metodologias mais convenientes para a sua investigação. São abordados alguns aspetos que geralmente não são documentados na literatura, tais como a revisão sistemática da literatura, a *Grounded Theory*, o método apreciativo, a investigação-ação e a metodologia de tradução e validação de escalas de medida.

Disponibilizando nas suas páginas um conjunto de conteúdos científicos, que se iniciam com a identificação do problema de investigação, passando por todas as etapas do ciclo da investigação, e reunindo os métodos mais atualizados de pesquisa científica, esta obra, quer pelo interesse do tema, quer pela originalidade da exposição, revelar-se-á muito valiosa para estudantes, professores e investigadores.

ISBN 978-972-618-901-5

